

TRÊS A QUATRO PREFEITURAS PEDEM PARA ADERIR AO PROGRAMA POR DIA, SEGUNDO O COORDENADOR DO FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO DO MEC

Escola Aberta reduz 60% da violência em colégios da GV

O programa está implantado em 14 escolas estaduais da Grande Vitória desde 2004

ELISANGELA BELLO
ebello@redgazeta.com.br

Os registros de violência no ambiente escolar caíram 60% depois da implantação do programa Escola Aberta, do Governo federal, em 14 escolas estaduais da Grande Vitória, segundo dados da Secretaria Estadual de Educação (Sedu). Ontem, outras 72 unidades municipais e estaduais de ensino aderiram ao programa, que promove a abertura das escolas no fim de semana, com oficinas para a comunidade.

Nas oficinas de arte, geração

de renda e esportivas, o Escola Aberta tem reunido no ambiente escolar ex-alunos, pais e vizinhos, além dos estudantes, que descobrem talentos e até uma maneira de aumentar a renda. No Estado, até agora, há cerca de 300 oficinas sendo oferecidas às comunidades.

Integração. Na Grande Vitória, uma das seis regiões metropolitanas em que ele funciona, algumas experiências se destacam, segundo coordenador do programa pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) do MEC, Ronaldo Farias, que esteve ontem na Capital. "Em Vitória, Vila Velha e nas escolas do Estado, o programa já está praticamente consolidado. Este é o nosso desafio: fazer com que o Escola Aberta vire política pública, com incentivo das secretarias de educação, que devem integrá-lo a outras ações".

Apesar de não ter passado

por uma avaliação oficial, os resultados do programa começam a aparecer. "A comunidade se apropria da escola de tal forma que pessoas de todas as idades participam das atividades, desde crianças até idosos", explicou Farias, que recebe de três a quatro pedidos de adesão ao programa de prefeituras por dia.

Segundo o coordenador do programa em Vitória, Paulo Sérgio Vieira, as oficinas têm melhorado a relação das escolas com as comunidades. "Antes havia um medo de abrir a escola, o que não existe mais. Tivemos 900 pessoas inscritas no curso de Informática básica, e já começamos a oferecer também o de cabeleireiro e manicure. A relação com a comunidade melhorou muito".

Iniciado no ano passado, o Escola Aberta deve receber do Governo federal R\$ 95 milhões até o fim de sua implantação, prevista para 2007.

Projeto atrai até aluno desistente

A integração da escola com a comunidade nos finais de semana não tem apenas diminuído os índices de violência, mas até trazido de volta aqueles que já haviam desistido de estudar.

"Esta semana descobri um garoto que já estava fora da escola há tempos e que veio para uma oficina de hip hop e acabou voltando para a aula", contou o diretor da esco-

la estadual Carlos Xavier Paes Barreto, de Vitória, Eleutério Quinelato.

Segundo ele, o relacionamento com os alunos considerados "difíceis" também melhorou. "Os garotos rebeldes, com quem tínhamos mais dificuldade, estão mais disciplinados depois das oficinas de esporte, que acontecem nos finais de semana. É como se, a partir do momento que come-

çam a participar do programa, eles se sentissem responsáveis pela escola".

O zelo pela instituição é apontado como outro resultado positivo. "Aumentou o cuidado com a escola, o comportamento dos alunos. Além disso, estamos descobrindo talentos", contou a diretora da escola Professor Joaquim Barbosa Quitino, Xirler de Souza Costa.

ES servirá de modelo para gaúchos

Os bons resultados do Escola Aberta no Estado vão servir de motivação para diretores de escolas da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. De acordo com a coordenadora do programa na Sedu, Lígia Lobo, até agora 130 oficinairos e 80 voluntários fazem o projeto acontecer na Grande Vitória, experiência que será contada para os gaúchos. "Temos pessoas que já estão sendo contratadas, depois das oficinas. Na escola Carlos Xavier Paes Barreto, em Vitória, depois do programa, não foi registrada nenhuma ocorrência de violência", ressaltou. Em Cariacica, na Escola Eulália Moreira, em Porto Cariacica, as oficinas de artes manuais têm feito sucesso. "Uma senhora veio saber de um problema do filho e acabou participando da oficina de violão", contou o coordenador do programa na escola, Ronaldo Costa.

QUEM JÁ ADERIU OU VAI ADERIR

"Queremos ampliar"

RAFAEL ANGELO BRIZOTTO
Diretor da escola Juscelino Kubitschek, em Maria Ortiz

"Todos colaboram"

ISABEL CRISTINA ARAÚJO
Diretora da Emef Maria José Costa Moraes, de São Pedro

"A escola já oferecia seu espaço para a comunidade, mas a nossa expectativa é de que agora, com este apoio financeiro, possamos ampliar a participação das pessoas, além de ter uma coordenação, uma equipe só para isso. Percebemos que, mesmo antes do projeto, só o fato de abrir a escola para a comunidade, para capoeira, para os jogos estudantis, já melhorava a relação dos estudantes com a escola, que passam a cuidar do local, que na verdade pertence a eles. Acredito que com o programa isso tenda a melhorar".

"O Escola Aberta veio para somar, é um resgate mesmo. Temos nove oficinas funcionando na escola. A de karatê tem 70 pessoas. Já pude ver pai participando com a filha. A gente acaba proporcionando um momento de encontro com a família. Agora temos até uma oficina de funk, oferecida por um policial militar do bairro, que se ofereceu para participar. Temos pais de alunos na informática, na capoeira, que às vezes vão até lá para ler o jornal, procurar um livro. O bom disso é que todos passam a colaborar mais com a escola".